



CONFSSIONALIDADE¹

Confessionality

José Roberto Bonome²

Resumo:

Trata-se de reflexão sobre o termo Confessionalidade e como ele é aplicado no imaginário Protestante, especialmente evangélico. A conclusão é que, assim como existem diversos Protestantismos, existem de modo correspondente, Confessionalidades.

Palavras-Chave: Confessionalidade. Reforma. Identidade Protestante.

Abstract:

This is a reflection on the term Confessionality and how it is applied in the Protestant imaginary, especially evangelical. The conclusion is that, just as there are many Protestantisms, there are correspondingly confessionalities.

Keywords: Confessionality. Reform. Protestant Identity.

INTRODUÇÃO

As duas primeiras décadas do século XXI mostraram o que seria a vida social em termos de ideologias distintas e contraditórias. Na política ficaram mais agudas as discussões sobre direita e esquerda, nas questões ambientais recrudesceram discursos sobre catástrofes climáticas produzidas pela ação humana. Verdades antigas foram sendo substituídas por verdades novas, mas em ambos os casos entendendo verdade como algo que não se explica e nem se comprova, ou seja, não sendo outra coisa senão o *nonsense* da alta modernidade de relacionamentos fugazes. Ora, tudo isso traz ao ser humano instabilidades emocionais e incertezas em muitas convicções anteriormente dadas como verdadeiras.

Tal descaminho na caminhada humana produz insegurança que aonde quer que o indivíduo esteja ele precisa superar a debilidade e caminhar firme em direção aos propósitos que lhe dê, pelo menos, a sensação de segurança. Para isso, o apego a valores culturais, aos valores da tradição de uma cultura ou de uma determinada dogmática religiosa ou não se faz necessário. Diversos grupos dentro de uma sociedade buscam sua identidade para, desta forma, se sentirem incluídos no sistema maior que é o conjunto social total. Grupos religiosos investem para emergir do mais profundo da alma humana os valores instados como necessários e fundamentais para a conservação

¹ Enviado em: 24.01.2024. Aceito em: 21.04.2024.

² E-mail: rbonomi78@gmail.com.

e preservação de uma determinada verdade ensinada pelos antigos, aprendida pelos presentes e a serem repassadas para as futuras gerações. Verdades imutáveis. Tais grupos denominam seus dogmas de confessionalidade. Como existem diversos grupos religiosos o resultado é que a sociedade tem diversas confessionalidades. Cada grupo com a sua confessionalidade e, muitas vezes, com matizes diferentes dentro do mesmo grupo, tal é a liberdade trazida a partir do humanismo e do racionalismo e produtora dos diversos protestantismos existentes e a serem criados, pois a Reforma esteve e estará constantemente se reformando ou então não pode ser chamada de Reforma.

Confessionalidade, do ponto de vista protestante, é um conjunto de opiniões construídas de modo racional que pretende expressar de modo inteligível as “verdades” contidas nas Escrituras. Confessionalidade não é resultado de inspiração ou revelação divina – o que se atribui apenas à Bíblia, mas é um conjunto de declarações afirmativas sobre a fé de uma determinada denominação cristã. Declarações aceitas por uma comunidade, por um grupo de pessoas, por determinada organização eclesiástica, cuja finalidade é conferir identidade para um determinado grupo.³

Antes da Reforma Protestante havia uma confessionalidade católica dentro do cristianismo, mesmo com questões periféricas divergentes entre os adeptos dessa religiosidade, e o desejo de viver uma vida consagrada a determinados carismas transformavam a confessionalidade em ordens religiosas. A partir da Reforma Protestante apareceram pessoas que, rompendo com a tradição cristã católica, reafirmaram suas diferenças doutrinárias com o Catolicismo propondo o livre exame das Escrituras e o sacerdócio universal dos crentes para o assentimento de novas interpretações. Embora tal tipo de postura estivesse presente antes da Reforma, o sistema religioso vigente não permitiu que o livre exame se desse na mesma proporção que veio a ocorrer pós Reforma, quando se chegou ao extremo de que cada grupo e até mesmo cada pessoa pudesse fazê-lo por aderir à doutrina do Sacerdócio Universal dos Crentes.

Desde a Confissão De Augsburgo (25 De Junho De 1530)⁴ e depois com João Calvino na Confissão de Genebra de 1536, passando por Ulrich Zwingli, com seus sessenta e sete artigos de fé no ano de 1553, e outros reformadores como (Tiago) Jacó Armínio (1560-1609) até os dias atuais, as confissões de fé têm itens em comum, itens diferentes e, em alguns casos, divergentes.⁵ A necessidade de se ter um documento que expressasse a opinião de determinados grupos quanto ao que se cria ou que se deveria crer se dava pela prevalência do catolicismo no mundo ocidental e, portanto, era necessário afirmar os elementos da fé protestante em diversas culturas europeias. Uma das características da identidade protestante é a livre interpretação das escrituras (Bíblia). Aqui

³ Como exemplo cito os anabatistas (do Grego Ana-novamente e Baptizo-batizar) que desde o século III até aos dias de hoje afirmam a necessidade de rebatizar aqueles que foram batizados na infância, ou em outro grupo religioso. Hoje os grupos são compostos, entre outros, pelo Amishi, Irmãos de Plymouth e Menonitas.

⁴ Exemplo: no artigo 9 – Do Batismo: “Do batismo se ensina que é necessário e que por ele se oferece graça; que também se devem batizar crianças, as quais, pelo batismo, são entregues a Deus e a ele se tornam agradáveis. Por essa razão se rejeitam os anabatistas, os quais ensinam que o batismo infantil não é correto.” Neste documento, Lutero, que não estava presente em Augsburgo, foi consultado por correspondência [...], em 25 de junho de 1530.” Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/a-confissao-de-augsburgo>. Acesso em: 21 de Mar. 2024.

⁵ Confira as diversas Confissões de Fé: A Confissão de Augsburgo (1530), Confissão de Guanabara (1558), Confissão Galicana (1559), Confissão Escocesa (1560), Confissão Belga (1561), Confissão Helvética (1566), Sínodo de Dort (1619), Confissão de Fé de Westminster (1646), e tantas outras declarações de fé, catecismos etc.

é preciso refletir sobre uma possível contradição entre a liberdade hermenêutica e a construção de um documento que oficialize determinada interpretação.

CONFSSIONALIDADE E LIBERDADE

A necessidade de expressar racionalmente os itens da fé protestante se dava, entre outros fatores, pela ruptura com a dogmática católica romana. Ao romper com o catolicismo, o protestantismo necessitou definir sua crença, isto é, em definir sua confessionalidade. Mas com o movimento de Lutero apareceram diversos e diferentes movimentos cujas crenças não eram as mesmas, o que implica em dizer que existem protestantismos.⁶ É neste aspecto que confessionalidade significa identidade. É por isso que confessionalidade identifica apenas uma denominação protestante, pois cada denominação tem sua confessionalidade que, necessariamente, tem pontos que divergem das outras confessionalidades.

Significa dizer que a confessionalidade protestante não é única e nem convergente em muitos itens, pois cada protestante tem sua visão de mundo específica quanto às doutrinas periféricas,⁷ inclusive utilizando de argumentos muitas vezes carregados de ingenuidade na sua apologética, e outras vezes com mais profundidade teológica. Defender um conjunto de doutrinas não é necessariamente defender a fé bíblica, ou a fé dos leitores da Bíblia, antes é defender uma organização eclesiástica, uma instituição religiosa, uma ideologia às vezes.⁸

A questão é que o Protestantismo tem sua origem na crítica à confissão de fé do Catolicismo, aos catecismos romanos, aos rituais e outras práticas incoerentes conforme o modo de enxergar protestante. A livre interpretação das Escrituras é também uma crítica que se fez ao monopólio da interpretação oficial. Ao mesmo tempo essa atitude não contribuiu para a unidade cristã, antes foi uma porta aberta para as divisões.⁹

A partir desse livre exame das Escrituras é impossível uma confessionalidade apenas, pois se cada um interpreta de maneira livre, sem o peso da tradição e da instituição, as compreensões do que está escrito transcendem o que um grupo de pessoas ou uma determinada instituição diz ser a verdadeira interpretação.¹⁰ Denominações foram criadas e divididas em nome da “verdadeira interpretação”. Com certeza, essa era uma questão bastante difícil de ser resolvida nos tempos de Lutero, e mais difícil nos dias atuais quando parte do protestantismo não tem mais a preocupação de estudar a Bíblia. A sacralidade das Escrituras é historicamente reconhecida, mas para parte dos cristãos com o passar do tempo, a Bíblia deixa de ter a importância histórica para ser apenas uma “reserva de sentido” onde são tantas as interpretações quantos são os indivíduos que a leem.¹¹

Diante dos protestantismos brasileiros a Confessionalidade não é mais um item com a mesma importância que tinha nos séculos anteriores no mundo cristão, embora ainda tenha seu valor cultural e eclesiástico. O perigo institucional (diversas denominações protestantes) é que, na

⁶ MENDONÇA, A. G.; VELASQUES FILHO, P. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.

⁷ A periferia se encontra em doutrinas como as do milênio (pré, pós e a-), predestinação e livre arbítrio, pedobatismo ou não, imersionismo ou aspercionismo no batismo, tipo de administração aclesiástica etc.

⁸ TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. São Paulo: ASTE, 1988.

⁹ GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

¹⁰ LUTERO, Martim. *Da Liberdade Cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 1979.

¹¹ Reserva de sentido é um termo teológico para dizer que a Bíblia é apenas uma referência histórica e literária para subsidiar uma prática discursiva eclesiástica, no dizer de Severino Croatto.

medida em que a confessionalidade é valorizada acontece o distanciamento do espírito da Reforma Protestante. Os protestantes inicialmente buscavam a comunhão com Deus e com seus irmãos na fé, sem terem preocupações com “detalhes” teóricos, pois estavam preocupados em testemunharem com a vida, com a prática do dia a dia, talvez pudéssemos chamar de “práxis” protestante, ou seja, ter uma prática que transforma o mundo para a construção de uma nova história que glorifique a Deus.

Reformadores deveriam se afastar da Reforma? Se sim, ficar a que distância? Essa é a questão a ser refletida, pois se as confissões de fé ou os Catecismos estiverem a impedir o livre exame da Bíblia, então não mais se tem as motivações da Reforma. No entanto, cada vez mais, as denominações e algumas instituições se colocam num período pré-reformista, impedindo muitas vezes a liberdade interpretativa em nome de uma verdade institucional. Terão as Confissões de Fé conteúdo satisfatório a expressar de modo mais simples as verdades bíblicas? Os credos representam sim a ideologia de um determinado grupo, uma igreja ou denominação cristã, mas são inerrantes como a própria Bíblia? Então o que é mais importante para o cristão, crer nas Escrituras Sagradas ou confiar nos documentos eclesiásticos?

A liberdade hermenêutica não impede que a exegese gramatical seja prevalecte para a compreensão, mas entram aqui outros componentes literários como o desenvolvimento da sociedade, os novos avanços tecnológicos, descobertas arqueológicas, enfim, componentes complementares que são auxiliares na liberdade que as pessoas têm de interpretar a Bíblia. Tais avanços podem contribuir para um melhor entendimento das Escrituras sagradas. O fato é que a desconfiança com interpretações divergentes dentro do protestantismo – e isso é uma herança do catolicismo – produziu a necessidade do estabelecimento de Confessionalidades dentro das diversas denominações. A individualidade produz generalizações e relativizações, o que já dizia o filósofo Sócrates ao afirmar que cada ser humano carrega dentro de si a verdade, o que significa dizer da relatividade da verdade e a exclusão de sua universalidade.

No entanto, as instituições podem ter suas Confissões de Fé, principalmente as eclesiásticas, mesmo que o preceito antigo *ecclesia reformata semper reformanda est*, tenha o significado de reformas ininterruptas. Daí que muitas igrejas deixam de refletir sobre novos significados que as Escrituras dão à realidade atual, novas aplicações para o cotidiano das pessoas, enfim, abandonar a inflexibilidade eclesiástica. A igreja não pode, segundo a Bíblia, se conformar com a cultura que a envolve.¹² As instituições eclesiásticas cumprem um importante papel na sociedade, de orientação, de conservação de valores, de ajuda espiritual, física, mental e social. Contribui ainda com a identidade da sociedade, valoriza as igualdades e ameniza os conflitos pela conscientização da mensagem evangélica de Jesus, qual seja o amor ao próximo.

A confessionalidade não é absoluta e nem superior como regra de fé e prática, antes deve sempre ser subordinada ao Livre Exame da Bíblia, e isso por si só é difícil de acontecer, pois que, a confessionalidade, muitas vezes, é desculpa para a imposição de determinada ideologia revestida de espiritualidade. Confessionalidade, portanto, implica em um aspecto positivo e outro negativo. A positividade está na assimilação conjunta de determinados valores que compõem a identidade do grupo. A negatividade está no cerceamento da liberdade de ser, de pensar, de agir. A confessionalidade é uma fronteira limítrofe para o indivíduo agir com liberdade.

¹² Cartas aos Romanos 12.2.

Todas as denominações precisam ter sua confessionalidade, é algo ensinado na Bíblia,¹³ mas, esta precisa ser inclusiva e não exclusiva e precisa ser vivenciada com fé no autor da salvação que é Jesus Cristo e não na alegada firmeza doutrinária de uma ou outra organização. Por tais assertivas, a confessionalidade nada mais é do que a aceitação de artigos comuns a um grupo de pessoas que se reúnem como igreja ou em uma determinada instituição. Não se deve esquecer, porém, que a aceitação a um conjunto de credos nunca é elemento suficiente para a rejeição da livre interpretação da Bíblia. *Sola Scriptura* é o pilar que sustenta as teses protestantes. Confessionalidades são divergentes, a Bíblia é uma só. A confessionalidade contribui para uma boa interpretação, orienta, mas priva o intérprete da liberdade tão cara para o protestantismo.

A Reforma Protestante trouxe esse paradoxo de liberdade de interpretação e confessionalidade. Ao mesmo tempo, usando aqui de um argumento lógico, não é possível que uma comunidade esteja em comunhão sem que as pessoas falem a mesma linguagem (significados denotativos e não conotativos), pois é através da linguagem que a comunicação acontece, a isso os gregos chamavam de *homologeio* (confissão, falar o mesmo, concordar). Confessionalidade é a concordância existente entre pessoas e as partes de um discurso, é a afirmação de algo comum, de uma crença comum, podendo ser afirmativa ou negativa.

Quando um conjunto de crenças é afirmado como a regra de fé e prática corre-se o risco de distanciamento das Escrituras, pois o que é posto no papel pode parecer mais artificial do que uma confissão dos próprios lábios do crente. Quando a confessionalidade se torna um documento estático, fechado em si mesmo, o efeito causado pode ser nefasto na medida em que seu conteúdo fica mais detalhado, mais argumentativo, mais racionalizado e menos bíblico.¹⁴

Não existe, portanto, uma confissão de fé que abarque todos os ramos do cristianismo, todas as denominações protestantes, é, portanto, uma confissão de fé pronunciada por grupos, comunidades ou mesmo indivíduos. Não se generaliza as confissões de fé a não ser para uma denominação, ou uma determinada igreja. Cada denominação tem sua confessionalidade, assim como cada igreja local possui características específicas dessa confessionalidade, vivenciando mais ou menos aspectos que mais se adequam ao grupo.

¹³ Carta aos Hebreus 4.14 – “Ἐχοντες λοιπον αρχιερα μεγαν, οστις διηλθε τους ουρανους, Ιησουν τον Υιον του Θεου, ας κρατωμεν την ομολογιαν.” Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão.

¹⁴ Exemplo: as divergências entre Calvino e Armínio. Para o primeiro a predestinação – Deus escolhe os que são salvos – e aqui aparecem os supralapsarianos e os sublapsarianos (Deus escolhe antes da queda ou depois da queda?). Ora, são subtemas que pouco dizem respeito ao cotidiano dos cristãos e quase nada para a sociedade. Enquanto para Armínio, o ser humano tem responsabilidade pelo livre arbítrio de querer ou não a salvação. Pode-se perder a salvação ou uma vez salvo é para sempre salvo? E aqui surgem questionamentos, por exemplo, sobre qual a importância do sacrifício de Jesus. Ora, qual a confissão de fé deveria ser seguida por instituições compostas por diversas denominações cristãs? Uma pergunta sem obtenção de resposta convincente e unívoca. Outro ponto são as alianças, os pactos, ou mesmo as dispensações (Inocência, Consciência, Governo Humano, Promessa, Lei, Graça e Milênio) (SAUER, Erich. *De Eternidad a Eternidad*. Barcelona: Publicaciones Portavoz Evangelico, 1977). Qual seria a melhor metodologia hermenêutica? Se a teologia do pacto, das alianças está vinculada a uma determinada hermenêutica, também a teologia dispensacionalista se vincula a outra determinada hermenêutica, sendo assim, não há confessionalidade sem o assentimento de uma ou de outra metodologia de interpretação como doutrina ou mesmo como sistema dogmático. Poderia ainda observar diversos outros pontos de divergência tais como as relacionadas à salvação: justificação, regeneração, santificação e tantos outros.

Se confessionalidade é um conjunto de elementos críveis como verdades bíblicas, então serve como regra de fé e prática para um determinado indivíduo ou grupo de indivíduos, é importante para que se crie uma ética, um comportamento, uma mesma linguagem que traga uniformidade e igualdade de condições para o entendimento e para a compreensão dos textos sagrados.

Nesse sentido, a comunidade dos cristãos produziu o Didaquê, ou o ensino dos doze apóstolos, texto que serviu como óculo hermenêutico para a interpretação do Novo Testamento. O Didaquê é de certa forma uma confessionalidade da comunidade do primeiro século da era cristã. Depois disso, sempre que se fala de ensino cristão, parece existir necessidade de uniformizar as doutrinas, mas isso é feito pelas denominações cristãs, pelas igrejas, mas não é possível uniformizar a fé, cada indivíduo é específico na sua individualidade, nas suas experiências com Deus, na sua espiritualidade.

CONFSSIONALIDADE E FUNDAMENTALISMO

Quando um grupo de cristãos de diversas denominações se reúne qual seria a confessionalidade? Para responder a tal pergunta temos poucas doutrinas básicas que poderiam ser aceitas por praticamente todos.¹⁵ Eis algumas afirmações da ortodoxia protestante que, embora seja quase que universalizada, tem algumas divergências.

Em primeiro lugar seria necessário a crença em Deus, o Eu Sou o que Sou, lembrando que a designação nominal está relacionada com a experiência que o indivíduo, família ou “comunidade” tem com o sobrenatural. Assim, o Deus da montanha, dos exércitos, do mar, aquele que supre as necessidades, que cura, que purifica, que livra do inimigo, que fortalece o fragilizado e assim por diante. Nestes casos, o que importa é crer na existência desse ser com seus atributos de onisciência, onipotência, onipresença, pois tais, além de expressarem o caráter divino, podem ser apreendidos pelo ser humano.¹⁶ A crença em Deus se dá entre os Deístas e Teístas, trinitários e unitários. Enfim, a própria crença em Deus trás equivocidade de compreensão.¹⁷

Em segundo lugar esse Deus criou o universo e criou o planeta terra dando as condições necessárias para a sobrevivência de todas as espécies, e o fez de tal forma que sustenta tudo através de leis estabelecidas de antemão. Ao fim, criou o ser humano conforme a sua imagem e semelhança, isto é, deu-lhe criatividade, discernimento e responsabilidade para cuidar de sua criação.

Esse ser criado como homem e a partir dele a formação da mulher, recebendo ambos o livre arbítrio, optou por dar lugar aos seus desejos, o que resultou em desobediência e nas consequências de sua decisão. Ora, estando a morte justificada, tudo acabaria e terminaria no nada absoluto, mas

¹⁵ HORDERN, William E. *Teologia Protestante ao Alcance de Todos*. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.

¹⁶ LANGSTON, A. B. *Esboço de Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1951.

¹⁷ Para Alva Bee Langston, teólogo batista: “Deus não obriga ninguém a fazer a sua vontade, porque Ele quer que o homem a faça voluntariamente. A linguagem da Bíblia é mui clara a respeito: ‘Se alguém quer’, ‘aquele que crer’, são expressões em que se não encontra o mais ligeiro vislumbre de coação da vontade deste ser moral e livre, porque se tal acontecesse o homem havia de ficar gravemente prejudicado. O espírito humano tem de ser influenciado, persuadido, tocado no interior e não arrastado, levado pela coação. Deus respeita, em todas as relações, o princípio de voluntariedade do homem. Todo o plano de salvação, e até as demais doutrinas batistas, baseiam-se neste princípio de voluntariedade do homem e na responsabilidade pelo seu próprio destino.” (LANGSTON, 1951, p. 101).

o Criador, sendo eterno e infinitamente amor resolveu dar outra oportunidade para que o humano continuasse a viver, se não fisicamente, mas espiritualmente na eternidade.

O plano de Deus consistiu em enviar Jesus, a segunda pessoa da trindade para pagar todas as dívidas advindas da desobediência, isso ele fez com muito sacrifício, muita dor, muita humilhação, até que fosse crucificado e morto. Ora, o plano divino não estaria completo se tudo se acabasse ali, mesmo porque, sendo Jesus filho de Deus, não poderia continuar morto, então ressuscitou e voltou de onde veio.

Ora, os que acreditaram na mensagem de Jesus ficariam desiludidos e desamparados com a ausência do Deus encarnado, mas Jesus disse que mandaria a terceira pessoa da trindade, isto é, o Espírito Santo, para estar sempre na mente e coração dessas pessoas que acreditaram. Vindo o Espírito Santo nos crentes, eles passaram a ter ousadia em falar, em fazer, em testemunhar até a morte a verdade eterna. Estes foram chamados de cristãos por imitarem Jesus que, após a ressurreição recebeu o reconhecimento de ser o Cristo, ou seja, a concretização da mensagem messiânica.

Por fim, esse Cristo Jesus volta em algum momento da história para finalizá-la e dizer que haverá um novo céu e uma nova terra e não mais sofrimento para os crentes nessa mensagem. Esta é a confessionalidade dos cristãos, ela é aceita e vivenciada por quase a totalidade dos crentes, inclusive dos que ultrapassam o rótulo protestante ou católico.¹⁸ No entanto, o que transcende ao básico é supérfluo e carregado de ideologia, e é neste ponto que a teologia se transforma em “ismo”, quando o cristão deixa a confessionalidade para aderir e propagar uma visão de mundo míope, distorcida da realidade bíblica. É quando em nome da divindade começam as lutas ideológicas como se Deus se apequenasse nas opiniões dos “sábios” e “santos” assim rotulados por diversos interesses questionáveis.

As minúcias de determinada confessionalidade divergem das minúcias de outra confessionalidade, as minúcias calvinistas divergem das arminianas que divergem de outras. João Calvino, Tiago Armínio, João Wesley e tantos outros escreveram dentro de contextos específicos refletindo suas respectivas culturas e, por isso mesmo, divergiram em pontos importantes. Na questão da justificação pela fé, por exemplo, os arminianos divergem dos calvinistas. Enquanto os calvinistas afirmam que a justificação implica em adoção e vida eterna determinadas por Deus, os arminianos acreditam que não há predeterminação e colocam o humano como responsável. Para os primeiros, a graça divina é irresistível, enquanto que para os segundos é possível resistir à graça divina. Se para os arminianos e wesleyanos (metodistas inclusive) a vida eterna é uma recompensa por aceitar e seguir a Jesus, portanto, é possível “cair da graça”, para os calvinistas a salvação é dada de uma vez por todas não sendo possível desviar ou “cair da graça”. Os calvinistas ligam a justificação aos eternos decretos de Deus – a fé salvadora foi concedida aos eleitos.¹⁹

Há conclusivamente a ideia de confessionalidade como um conjunto de métodos e técnicas hermenêuticas, onde cada crente busca entender, compreender e interpretar a Bíblia de modo coerente para que esse livro dite as ações a serem praticadas e as verdades a serem cridas.²⁰ Não é o uso das escrituras que devem ser utilizados para apresentar desculpas ao que o ser humano faz,

¹⁸ HORDERN, William E. *Teologia Protestante ao Alcance de Todos*. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.

¹⁹ CHAFER, L. S. *Teologia Sistemática*. Geórgia: Publicaciones Espanholas, 1974.

²⁰ BERKHOF, L. *Introducción a la Teología Sistemática*. Michigan: The Evangelical Literature League, 1973.

mas, são as escrituras que devem ser utilizadas para falar ao coração e à mente humana. Por isso, Confessionalidade não se define simplesmente a não ser quando as intenções não são as melhores. Confessionalidade não justifica separações em nome de verdades reveladas e assimiladas por uns em detrimento da ignorância de outros. Não justifica perseguir discordantes deste ou daquele apêndice teológico. Não dá razão para prejudicar o próximo. Confessionalidade é antes uma forma de expressar a crença e compartilhar valores. Quando se tem grupos religiosos com divergências não se tem confessionalidade, mas “confessionalidades”. O termo confessionalidade é um só, mas as confessionalidades denominacionais divergem no mundo protestante. Cada grupo protestante evangélico diverge em pontos importantes da fé cristã, mas não no básico exposto acima. Como referido por Kevin J. Vanhoozer: “A alma da religião é uma, mas, envolta em uma multidão de formas”.²¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo apresentado sucintamente, as conclusões possíveis é que talvez não exista no âmbito da espiritualidade cristã uma única confessionalidade, e por existirem outras expressões de compreensão o que se tem é o plural – confessionalidades. Qualquer instituição que congregue mais de uma denominação cristã não pode afirmar uma única confessionalidade.

Não cabe a um grupo majoritário impor sua confessionalidade a outros grupos minoritários, antes, o espírito do cristianismo é inclusivo nas divergências, é amoroso nas discordâncias, e no diálogo precisa se manter verdadeiro. Acima da confessionalidade institucional está o amor ao próximo, a compreensão da extensão da graça divina sobre todos, a liberdade humana de aceitar ou não determinadas convicções.²²

A inexistência de uma confessionalidade pode produzir absurdos, erros, desvios das verdades implícitas e explícitas da Bíblia, mas o apego exagerado e discursivo da imposição de uma confessionalidade, seja ela qual for, leva ao extremo de um fundamentalismo, o que pode também ser rotulado de fanatismo. Esse apego exagerado é falacioso enquanto a doutrina é sofisma enquanto raciocínio supostamente verdadeiro.

Ao termino dessas considerações lembro o que o apóstolo Paulo fala aos crentes de Roma: “Bem! Pela sua incredulidade, foram quebrados; tu, porém, mediante a fé, estás firme. Não te ensoberbeças, mas teme.” Romanos 11:20. O conselho do apóstolo é que a incredulidade é tão destrutiva quanto o ensoberbecer-se por seguir uma determinada confessionalidade, então é preciso manter o equilíbrio e a integridade pela fé. Embora a confessionalidade de um determinado grupo, comunidade ou igreja, seja necessário, seguir a Jesus supera qualquer forma de religiosidade, de doutrina ou mesmo a própria confessionalidade.

REFERÊNCIAS

BERKHOF, L. *Introducción a la Teología Sistemática*. Michigan: The Evangelical Literature League, 1973.

²¹ VANHOOZER, Kevin J. *Teologia Primeira: Deus, Escritura e Hermenêutica*. São Paulo: Shedd Publicações, 2016, p. 51.

²² STURZ, Richard J. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2012.

- CALVINO, João. *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã*. Volumes 1 e 2. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.
- CHAFER, L. S. *Teologia Sistemática*. Geórgia: Publicaciones Espanholas, 1974.
- GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1994.
- GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.
- HORDERN, William E. *Teologia Protestante ao Alcance de Todos*. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.
- LANGSTON, A. B. *Esboço de Teologia Sistemática*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1951.
- LUTERO, Martim. *Da Liberdade Cristã*. São Leopoldo-RS: Sinodal, 1979.
- MENDONÇA, A. G.; VELASQUES FILHO, P. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.
- SALVADOR, José Gonçalves: *Arminianismo e Metodismo*. São Paulo: Imprensa Metodista, sd.
- SAUER, Erich. *De Eternidad a Eternidad*. Barcelona: Publicaciones Portavoz Evangelico, 1977.
- STURZ, Richard J. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2012.
- TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. São Paulo: ASTE, 1988.
- VANHOOZER, Kevin J. *Teologia Primeira: Deus, Escritura e Hermenêutica*. São Paulo: Shedd Publicações, 2016.